



GT 16. Antropologia, Saúde Pública e fabulações cosmopolíticas: etnografia e possibilidades simbiopoéticas de cuidar/fazer o mundo.

Coordenador(es):

José Miguel Nieto Olivar (USP - Universidade de São Paulo)

Maria Paula Prates (UFCSPA - Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre)

Colocamos em discussão três sistemas de produção de conhecimentos: a antropologia, a saúde pública e as cosmopolíticas. Trata-se de sistemas não equivalentes com relações não simétricas. Assumimos como ponto de vista a antropologia, principalmente de base etnográfica. Olhamos para a saúde pública como um campo fundamental de ação política e de gestão de novas e antigas formas de governo. Entendemos o marco cosmopolítico como um conjunto analítico e proposicional contemporâneo de extrema relevância para pensar “o mundo” nos seus limites e multiplicidades, em relação com formas possíveis de produção de conhecimento. Nos perguntamos: O que a antropologia brasileira contemporânea, objeto múltiplo e em franca transformação, tem a dizer sobre as relações possíveis entre antropologia e saúde pública no marco do conjunto de transformações e desastres que tem sido compreendidas como “fim do mundo”, Antropoceno, entre outros? Como a saúde pública pode se ver afetada no atravessamento de perspectivas antropológicas e etnográficas no marco do Fim do Mundo? Quais as possibilidades de uma antropologia da saúde, com sua tradição de corpos, curas, perturbações, saberes e emoções, no marco das propostas em curso sobre intervenções cosmopolíticas e intrusões de Gaia? Como alimentar etnograficamente os processos de cuidado, resistência, intervenção, intromissão e (re)feitura d/nos fins do(s) mundo(s), enquanto abre-se a possibilidade de reinvenção da antropologia?

"A parteira faz simbiose": a parteria tradicional e os campos de saberes

Autoria: Elaine Müller (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

Atuando em suas comunidades, as parteiras tradicionais prestam serviços de cuidado que vão muito além da assistência obstétrica. Nos cuidados com a saúde, assistem mulheres que querem engravidar ou tiveram aborto, cuidam da saúde das crianças, aconselham sobre aleitamento e nutrição, encaminham para a assistência hospitalar os atendimentos que "não são para elas". Resolvem questões burocráticas relacionadas ao registro civil e o reconhecimento da paternidade, mediam conflitos. Acompanham, avaliam e colaboram com o sistema oficial de saúde. Dona Prazeres, parteira de Jaboatão dos Guararapes, resume os múltiplos talentos das parteiras tradicionais dizendo que elas fazem uma simbiose, e estão em todos os lugares. A ideia de simbiose, como relação entre seres de espécie diferentes na qual ambos se beneficiam, no entanto, pode ser utilizada como chave conceitual para uma necessária discussão epistemológica sobre o campo dos saberes obstétricos que hoje chamamos de tradicionais. As parteiras aprendem na oralidade, de uma geração a outra, e na prática, observando cada atendimento em suas particularidades, chegando a um amplo repertório de saberes e práticas. Mas também dialogam com saber técnicos da biomedicina e com discursos da humanização do parto, atualizando sua assistência. Dona Prazeres, que aprendeu o ofício de parteira com a mãe e depois cursou Enfermagem obstétrica, diz que descobriu que o entendimento não era tão diferente, apenas a linguagem, e "misturou os dois sem machucar nenhum". Nesse work, gostaria de refletir sobre essa simbiose de saberes e práticas como uma categoria epistemológica útil para o entendimento do ofício de parteira, sua relação com outros saberes com os quais se relaciona de forma hierarquizada, e, conseqüentemente, o caráter de resistência de seu campo.



**Reunião Brasileira
de Antropologia**

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: